



David Le Breton

# A sociologia do corpo

Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Le Breton, David, 1953-

A sociologia do corpo / David Le Breton ; 2. ed.  
tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis,  
RJ : Vozes, 2007.

ISBN 978-85-326-3327-9

Título original : La sociologie du corps  
Bibliografia.

1. Corpo humano – Aspectos sociais I. Título.

06-2611

CDD-306.4

**Índices para catálogo sistemático:**

- |  |       |
|--|-------|
| 1. Corpo : Aspectos sociais : Sociologia | 306.4 |
| 2. Sociologia do corpo                   | 306.4 |

 EDITORA  
VOZES

Petrópolis

## V - Campos de pesquisas 2: Imaginários sociais do corpo, 62

I - "Teorias" do corpo, 62

II - Abordagens biológicas da corporeidade, 62

III - Diferença entre os sexos, 65

IV - Corpo, suporte de valores, 69

V - O corpo imaginoso do racismo, 72

VI - O corpo "deficiente", 73

## VI - Campos de pesquisas 3: O corpo no espelho do social, 77

I - As aparências, 77

II - Controle político da corporeidade, 79

III - Classes sociais e relações com o corpo, 81

IV - Modernidades, 84

V - Risco e aventura, 87

VI - O corpo supranumerário, 89

## VII - Estatuto da sociologia do corpo, 92

I - O canteiro de obras, 92

II - A tarefa, 93

**Bibliografia, 95**

## Introdução

### I - A condição corporal

A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca.

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de

referências culturais. Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão dos outros. Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.

Qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as condições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana. A história deixa evidente também que parte do registro específico de certos animais lhe é acessível, lembrando para tanto da aventura excepcional de certas crianças ditas "selvagens". Ao nascer, a criança é constituída pela soma infinita de disposições antropológicas que só a imersão no campo simbólico, isto é, a relação com os outros, poderá permitir o desenvolvimento. São necessários à criança alguns anos antes que seu corpo esteja inscrito realmente, em diferentes dimensões, na teia de significações que cerca e estrutura seu grupo de pertencimento.

Esse processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem que, entretanto, encontra em certos períodos da existência, principalmente na infância e na adolescência, os momentos fortes. A criança cresce numa família cujas características sociais podem ser variadas e que ocupa uma posição que lhe é própria no jogo das variações que caracterizam a relação com o mundo da comunidade social em que está inserida. Os feitos e gestos da criança estão envolvidos pelo padrão cultural (*ethos*) que suscita as formas de sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação com o mundo. A educação nunca é uma atividade puramente intencional, os modos de relação, a dinâmica afetiva da estrutura familiar, a maneira como a criança se situa nessa trama e a sub-

missão ou resistência que a ela opõe aparecem como coordenadas cuja importância é mais e mais considerada na socialização.

O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência. Se a ordem social se infiltra pela extensão viva das ações do homem para assumir força de lei, esse processo nunca está completamente acabado.

A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação<sup>1</sup>.

## II - A preocupação social com o corpo

No final dos anos 1960, a crise da legitimidade das modalidades físicas da relação do homem com os outros e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo, a "revolução sexual", a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar somente ao corpo, etc. Um novo imaginário do corpo, luxuriante, invade a sociedade, nenhuma região da prática social sai ilesa das reivindicações que se desenvolvem na crítica da condição corporal dos atores<sup>2</sup>.

1 • David Le Breton. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2001 (5ª ed.).

2 • Sobre essa efervescência social, cf. Jean Maisonneuve. *Le corps et le corporéisme aujourd'hui*. *Revue Française de Sociologie*, XVII, 1976, p. 551-571.

Freqüentemente indiscreta, a crítica apodera-se de uma noção de senso comum: "o corpo". Sem discussão prévia, faz dele símbolo de união, cavalo de batalha contra um sistema de valores considerado repressivo, ultrapassado, e que é preciso transformar para favorecer o desabrochar individual. As práticas e os discursos que surgem propõem ou exigem uma transformação radical das antigas representações sociais. Uma literatura abundante e inconscientemente surrealista convida à "libertação do corpo", proposta que, quando muito, é angelical. A imaginação pode perder-se indefinidamente nesse discurso fantástico no qual o corpo se "liberta", sem que saibamos bem o que acontece com o homem (seu mestre?) a quem o corpo dá, no entanto, a extensão e a aparência. Nesse discurso o corpo é colocado não como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um outro, um *alter ego*. O homem é a fantasia desse discurso, o sujeito suposto. A apologia ao corpo é, sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para corpo que poderia ser analisada fora do homem concreto. Denunciando freqüentemente o "parolismo" da psicanálise, esse discurso de liberação, pela abundância e pelos inúmeros campos de aplicação, alimentou o imaginário dualista da modernidade: essa facilidade de linguagem que leva a falar do corpo, sem titubear e a todo momento, como se fosse outra coisa que o corpo de atores em carne.

A crise de significação e de valores que abala a modernidade, a procura tortuosa e incansável por novas legitimidades que ainda hoje continuam a se ocultar, a permanência do provisório transformando-se em tempo da vida, são, entre outros fatores, os que contribuíram logicamente para comprovar o enraizamento físico da condição de cada ator. O corpo, lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes. Problemática coerente e até inevitável numa sociedade de tipo individualista que entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurecimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade.

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. Segundo as palavras de Durkheim, o corpo é um fator

de "individualização"<sup>3</sup>. O lugar e o tempo do limite, da separação. Como a crise da legitimidade torna a relação com o mundo incerta, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável. Hesita de certa forma com o encarceramento físico do qual é objeto. Dá atenção redobrada ao corpo lá onde ele se separa dos outros e do mundo. Já que o corpo é lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação. Procura-se o segredo perdido do corpo. Torná-lo não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros. Pelo menos este é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade<sup>4</sup>.

### III - Sociologia do corpo

Como se sabe, as sociologias nascem em zonas de ruptura, de turbulência, de falha das referências, de confusões, de crise das instituições, numa palavra, lá onde são eliminadas as antigas legitimidades. Lá onde é desenhado o fio condutor do pensamento aplicado na compreensão e na determinação de conceitos, naquilo que escapa temporariamente aos modos habituais de idealização do mundo. Trata-se de dar significação à desordem aparente, de encontrar as lógicas sociais e culturais. O trabalho, o mundo rural, a vida quotidiana, a família, a juventude, a morte, por exemplo, são eixos de análise para a sociologia que só conheceram o desenvolvimento integral quando as representações sociais e culturais que os dissolviam, até então, na evidência, começaram a se modificar suscitando uma inquietação difusa no seio da comunidade. O mesmo aconteceu ao corpo. O final dos anos 1960 assistiu, logicamente e de modo mais sistemático, a manifestação de abordagens que levavam em consideração, sob diversos ângulos, as modalidades físicas da relação do ator com o meio social e cultural que o cerca. O corpo faz, assim, sua entrada triunfal na pesquisa em ciências sociais: J. Baudrillard, M. Foucault, N. Elias, P. Bourdieu, E. Goffman,

<sup>3</sup> • E. Durkheim. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968, p. 386ss.

<sup>4</sup> • A acentuação da crise da legitimidade e o crescimento individualista dos anos 1980 tornaram o corpo ainda mais autônomo a ponto de fazê-lo freqüentemente um parceiro, um verdadeiro *alter ego*. Cf. David Le Breton. *Anthropologie du corps et modernité (op. cit.)* e *L'adieu du corps* (Métaillé, 1999).

IMPORTANTE

M. Douglas, R. Birdwhistell, B. Turner, E. Hall, por exemplo, encontram frequentemente, pelos caminhos que trilham, os usos físicos, a representação e a simbologia de um corpo que faz por merecer cada vez mais a atenção entusiasmada do domínio social. Nos problemas que esse difícil objeto levanta, eles encontram uma via inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos ou, então, para isolar os traços mais evidentes da modernidade. Outros, para citar alguns exemplos na França, como F. Loux, M. Bernar, J.-M. Berthelot, J.-M. Brohm, D. Le Breton ou G. Vigarello, dedicam-se de modo mais sistemático a desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade.

Essa descoberta não é, evidentemente, fruto de súbita esperteza característica dos anos 1960, 1970. Não se deve confundir a emergência de uma nova preocupação e da proliferação de práticas e discursos com a constituição de pleno direito de uma disciplina e, ainda menos, com a admirável descoberta de um novo objeto de estudo. Esses anos marcarão mais precisamente a incursão no cenário coletivo de um novo imaginário que as ciências sociais, atentas aos dados contemporâneos, captariam imediatamente. Do distanciamento crítico adotado por alguns pesquisadores, passou a existir o cuidado redobrado com relação aos condicionantes sociais e culturais que modelam a corporeidade humana. Mas "uma sociologia implícita do corpo" (J.-M. Berthelot) já estava presente desde o início no pensamento sociológico, principalmente sob o ponto de vista do estudo crítico da "degenerescência" das populações mais pobres, aquela da condição operária (Marx, Villermé, Engels, etc.), ou das antropometrias (Quetelet, Niceforo, etc.). Sociólogos como G. Simmel abrem importantes vias (o sensorio, a fisionomia, o olhar, etc.). Mais tarde, M. Mauss, M. Halbwachs, G. Friedmann, M. Granet, M. Leenhardt, no contexto francês; em outros lugares, E. De Martino, M. Eliade, W. La Barre, C. Kluckhohn, O. Klineberg, E. Sapir, D. Efron, etc., contribuem decisivamente nesse sentido, apesar da cesura feita por E. Durkheim que identifica a corporeidade ao orgânico evitando, assim, o interesse das ciências sociais.

A partir do início do século XX até os anos 1960, um esboço de sociologia faz abundantes descobertas relacionadas ao corpo. Sem sombra de dúvidas, é somente nos últimos trinta anos que a sociologia aplicada ao corpo torna-se uma tarefa sistemática e que alguns pesquisadores consagraram-lhe parte significativa de sua atenção.

#### IV - Desenvolvimento

Veremos de início, de modo esquemático, as principais etapas da abordagem do corpo pelas ciências sociais (capítulo I). Em seguida, nos questionaremos sobre a ambigüidade do referente "corpo", que está longe de ser unanimidade e, à primeira vista, sugere somente uma relação conjectural com o ator que encarna. Dados históricos e antropológicos mostram assim a variabilidade das definições de "corpo" que sempre dá a impressão de tergiversar (capítulo II). Para empreender uma análise sociológica é conveniente desconstruir a evidência primeira que está ligada às nossas representações ocidentais do corpo, para melhor elaborar a natureza do objeto sobre o qual o pesquisador pretende exercer a compreensão. Também é importante notar que a sociologia aplicada ao corpo em nada se distingue, por seus métodos ou procedimentos de raciocínio, da sociologia da qual é um dos tópicos (capítulo III). Na sequência, trataremos das conquistas e das expectativas dos diferentes trabalhos conduzidos, nesse campo, pelas ciências sociais. Por exemplo, os trabalhos relacionados com as lógicas sociais e culturais próprias à corporeidade: as técnicas do corpo, as atividades perceptivas, a gestualidade, as regras de etiqueta, a expressão dos sentimentos, as técnicas de manutenção, as marcas corporais, as condutas corporais impróprias (nosografias, etc.) (capítulo IV). Os imaginários sociais do corpo constituem um outro campo: "teorias" do corpo, abordagens biológicas que pretendem explicar os comportamentos dos atores, interpretação social e cultural das diferenças entre os sexos, valores diferenciais que marcam a corporeidade, imaginários do racismo, corpo "deficiente" (capítulo V). Um terceiro campo de pesquisa refere-se ao corpo no espelho do social e diz respeito ao uso e à significação do corpo na sociedade contemporânea: usos de aparência, controle político da corporeidade, classes sociais e relações com o corpo, relações com a modernidade, entusiasmo pela exploração física de si através dos riscos ou da "nova aventura", verificação de um imaginário do "corpo a mais" na modernidade (capítulo VI). A obra termina com uma reflexão sobre o estatuto da sociologia do corpo (capítulo VII) e finalmente por uma bibliografia sumária.

## Capítulo I

### Corpo e sociologia: etapas

O caminho histórico da reflexão feita sobre a corporeidade humana pode ser traçado desde os primeiros passos das ciências sociais, no decorrer do século XIX. Recorrendo a uma simplificação, distinguimos três momentos fortes que descrevem simultaneamente três pontos de vista, três maneiras de encarar o tema e que ainda hoje persistem na sociologia:

- a) Uma sociologia implícita do corpo que, embora não negligencie a profundidade carnal do homem, não se detém verdadeiramente nela. Aborda a condição do ator nos diferentes componentes e, sem se esquecer do corpo, dilui, no entanto, sua especificidade na análise.
- b) Uma sociologia em pontilhado: proporciona sólidos elementos de análise relativos ao corpo, mas não sistematiza a reunião dos mesmos.
- c) Uma sociologia do corpo: inclina-se mais diretamente sobre o corpo, estabelece as lógicas sociais e culturais que nele se pagam. Faremos referência mais adiante ao campo que desenvolve e suas conquistas.

#### I - Uma sociologia implícita

Essa formulação emprestada de J.-M. Berthelot caracteriza sobretudo o início das ciências sociais, principalmente durante o século XIX<sup>5</sup>. Nelas, a corporeidade humana é vista através de ângulos de análise mutuamente contraditórios.

1. Incidências sociais sobre o corpo → *Corpo, Produto da*  
*coisa social*  
A primeira via de análise, através da situação social dos atores, deduz que não podem escapar à condição física. Nessa concepção o ho-

<sup>5</sup> • Para a história do pensamento sobre o corpo nas ciências sociais, ver J.-M. Berthelot, M. Drulhe, S. Clément, J. Forné & G. M'Boég. Les sociologies et le corps. *Current Sociology*, vol. 53, n. 2, 1985.

mem é visto como uma emanção do meio social e cultural. Numerosas são as pesquisas sociais que apontam a miséria física e moral das classes trabalhadoras, a insalubridade e a exigüidade das moradias, a vulnerabilidade às doenças, o recurso ao álcool, a prostituição frequentemente inevitável das mulheres, o aspecto miserável dos trabalhadores duramente explorados, a terrível condição das crianças obrigadas a trabalhar desde a mais tenra idade. Sobretudo os estudos de Villermé (Quadro explicativo do estado físico e moral dos operários empregados nas manufaturas de algodão, de lã e de seda, 1840) e de Buret (Da medida das classes laboriosas na Inglaterra e na França, 1840) marcam os espíritos e alimentam aspirações revolucionárias ou reformadoras. Engels traça, de forma análoga, um quadro da classe trabalhadora (A situação da classe laboriosa na Inglaterra, 1845). Em O Capital (1867), Marx faz uma análise clássica da condição corporal do homem no trabalho. Seus estudos têm objetivos mais urgentes que o de encontrar ferramentas suscetíveis de pensar o corpo de maneira metódica, no entanto contém a primeira condição para a abordagem sociológica do corpo. Corpo que, de fato, não é pensado somente do ponto de vista biológico, mas como uma forma moldada pela interação social.

Para Villermé, Marx ou Engels, é mais importante revelar a condição miserável da classe trabalhadora no contexto da Revolução Industrial. A corporeidade não é objeto de estudo à parte, ela é subsumida nos indicadores ligados aos problemas de saúde pública ou de relações específicas ao trabalho. A relação física do operário com o mundo que o cerca, sua aparência, saúde, alimentação, moradia, sexualidade, sua procura pelo álcool, a educação das crianças, são alternadamente consideradas para fazer um levantamento sem compaixão das condições de existência das camadas trabalhadoras. A constatação implícita do caráter social da corporeidade resulta no apelo às reformas e, mais radicalmente, no engajamento revolucionário. Existe uma real conscientização de que as condições de trabalho e de vida mais favoráveis dariam a esses homens uma saúde melhor e maior vitalidade. Para Villermé, Buret, Marx e Engels, por exemplo, o corpo é implicitamente um fato de cultura. A condição operária que transparece em seus estudos é uma crítica cruel do modo de funcionamento social que exige modificação. Não existe ainda a vontade sistemática de conceituar este ou aquele aspecto da experiência corporal. E com razão.

## 2. O homem, "produto" do corpo

Outra orientação do pensamento efetivamente contrária à anterior conduz à legitimação do estado social tal como se apresenta à observação. Assim, determina que as características biológicas do homem façam com que sua posição, no conjunto, seja aquela que lhe é justamente devida. Ao invés de fazer da corporeidade um efeito da condição social do homem, essa corrente do pensamento faz da condição social o produto direto do corpo. Trata-se de submeter à primazia do biológico (mais ainda, de um imaginário biológico) as diferenças sociais e culturais, de naturalizar as diferenças de condição justificando-as por observações "científicas": o peso do cérebro, o ângulo facial, a fisionomia, a frenologia, o índice cefálico, etc. O corpo é atormentado por essa imaginação abundante. Procura-se por meio de numerosas medidas as provas irrefutáveis do pertencimento a uma "raça": os sinais manifestos, inscritos na pele, da "degenerescência" ou da criminalidade. De imediato, o destino do homem se inscreve na conformação morfológica; a "inferioridade" das populações destinadas à colonização ou já colonizadas por "raças" mais "evoluídas"; justifica-se o destino das populações trabalhadoras por alguma forma de debilidade. Finalmente, a ordem do mundo obedece à ordem biológica cujas provas são encontradas nas aparências corporais. Mede-se, pesa-se, corta-se, fazem-se autópsias, classificam-se incontáveis sinais transformados em índices a fim de decompor o indivíduo sob os auspícios da raça ou da categoria moral. A corporeidade entra na era da suspeição e torna-se facilmente uma peça de convicção. As qualidades do homem são deduzidas da feição do rosto ou das formas do corpo. Ele é percebido como a evidente emanção moral da aparência física. O corpo torna-se descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que encarna. O homem não tem poder de ação contra essa "natureza" que o revela; sua subjetividade só pode acrescentar pormenores sem reflexos sobre o conjunto.

## 3. Posicionamento dos sociólogos

E. Durkheim e seus colaboradores contestarão a fascinação pelo modelo biológico na explicação do fato social. Mas, a consequência do esforço de vigilância será o aprisionamento da corporeidade no domínio da organicidade, com a notável exceção de Robert Hertz

IMPORTANTE

importante  
importante  
importante  
importante

e Marcel Mauss. Para Durkheim, a dimensão corporal do homem depende da organicidade, mesmo que seja marcada pelas condições de vida. Nesse sentido, a corporeidade é muito mais da competência da medicina ou da biologia que da sociologia. O corpo permanece implícito na obra de Durkheim. Na Alemanha, a sociologia de Max Weber desconsidera o corpo, a despeito dos apelos de Nietzsche ou das análises daquele franco-atirador que abre numerosas portas: Georg Simmel.

#### 4. A psicanálise

No início do século XX, à medida que se desenvolvia, a psicanálise acabava por romper o vínculo que mantinha o corpo sob a égide do organicismo. Freud revela a maleabilidade do corpo, o jogo sutil do inconsciente na pele do homem; faz do corpo uma linguagem na qual, de modo secreto, são expressas as relações individuais e sociais, os protestos e os desejos. Freud edifica uma ruptura epistemológica que liberta a corporeidade humana da língua de pau dos positivistas do século XIX. Muito embora não sendo sociólogo, torna a corporeidade compreensível como matéria modelada, até certo ponto, pelas relações sociais e as inflexões da história pessoal do sujeito. A partir de 1895, nos *Estudos sobre a histeria* que escreve com Breuer, surge uma sociologia do corpo subjacente que torna possível um olhar diferente sobre a natureza da presença do homem no mundo. Freud introduz o relacional na corporeidade, o que a torna imediatamente estrutura simbólica. No entanto, nem sempre encontra seguidores entre os sociólogos que continuam frequentemente ligados à representação organicista do corpo, abandonando efetivamente qualquer estudo sério relativo ao corpo, mantendo-o afastado do campo de legitimidade da sociologia.

## II - Uma sociologia em pontilhado

### 1. Contribuições sociológicas

A passagem progressiva da questionável antropologia física, que deduz do aspecto morfológico as qualidades do homem, para a consciência de que o homem constrói socialmente seu corpo, não sendo de modo algum a emanção existencial de propriedades orgânicas, estabelece o primeiro marco milenar da sociologia do corpo: o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as quali-

dades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída. Na passagem do século XIX para o século XX, um esboço da sociologia do corpo surge aos poucos com os trabalhos de Simmel sobre o sensorial, as trocas de olhares (1908) ou a fisionomia (1901). "Proponho-me a analisar os diferentes fatos oriundos da constituição sensorial do homem, os modos de apercepção mútua e suas influências recíprocas na significação para a vida coletiva dos homens e suas relações uns com os outros, uns para os outros e uns contra os outros. Se nos misturamos em reciprocidades de ação, isso ocorre antes de tudo porque reagimos uns sobre os outros através dos sentidos", escreve Simmel<sup>6</sup>. Voltaremos a esse ponto.

Num memorável artigo de 1909 Robert Hertz aborda a questão da "preeminência da mão direita" nas sociedades humanas. No texto é vigorosamente discutido o ponto de vista anatômico que associa a preponderância da mão direita ao desenvolvimento maior, no homem, do hemisfério cerebral esquerdo que fisiologicamente transmite atividade aos músculos do lado oposto. Robert Hertz observa que o número de destros é estatisticamente infinitamente maior que o de canhotos. Em cada cem homens, dois seriam canhotos irreduzíveis. Um pequeno número seria de destros contrários a qualquer tentativa de mudança de orientação. "Entre os dois extremos existe uma massa de homens que, abandonados a si mesmos, poderia servir-se de forma aproximativamente igual de qualquer uma das mãos, em geral com ligeira preferência pela direita. Assim, não se deve negar a existência de tendências orgânicas à assimetria; mas, exceto casos excepcionais, a vaga predisposição à destreza, aparentemente disseminada na espécie humana, não é suficiente para determinar a preponderância absoluta da mão direita, a menos que influências estrangeiras viessem fixá-la e reforçá-la". R. Hertz chama a atenção então para o fato de que a educação da mão esquerda, quando feita para o exercício de certas profissões (piano, violino, cirurgia, etc.), multiplica o campo de ação do homem. A ambidestria é, nesse sentido, uma vantagem social e cultural. "Nada se opõe, escreve, a que a mão esquerda receba educação artística

<sup>6</sup> • Georg Simmel. Essai sur la sociologie du sens. *Sociologie et épistémologie*. Paris: PUF, 1981, p. 225 (trad. fr.).  
<sup>7</sup> • *Ibid.* La prééminence de la main droite - Étude sur la polarité religieuse. *Sociologie religieuse et folklore*. Paris: PUF, 1970, p. 86.



e técnica semelhante àquela cuja supremacia, até o presente, pertenceu à mão direita".

R. Hertz observa que as razões fisiológicas são secundárias em relação ao obstáculo cultural constituído pelas representações: sempre negativas quando associadas à esquerda e sempre positivas quando se trata da direita. A oposição não é somente física, mas também moral: a esquerda implica a falta de jeito, a deformação, a traição, o ridículo; a direita reivindica a destreza, a correção, a coragem, etc. A polaridade religiosa entre o sagrado e o profano aparece com toda a evidência: se a direita é uma qualidade do transcendente, a esquerda traz em si o risco da mácula. O privilégio concedido à mão direita depende antes de tudo do uso dessa estrutura antropológica fundamental que, em várias sociedades, concede predileção à direita sobre a esquerda, mesmo em se tratando do corpo humano. O fisiológico está aqui subordinado à simbólica social. R. Hertz, no entanto, não dirige seus argumentos contra a teoria darwiniana que parece desconhecer, mas, com notável intuição, propõe em seu texto uma série de constatações próprias a minimizar consideravelmente as pretensões da abordagem biológica.

Marcel Mauss traz contribuições importantes em textos como "A expressão obrigatória dos sentimentos" (1921), "O efeito físico da idéia de morte" (1926), "As técnicas do corpo" (1936). Esses textos marcam avanços significativos e são precursores de pesquisas que levarão anos para serem efetuadas antes de realmente desabrocharem. Falaremos deles mais adiante. A Escola de Chicago está atenta à corporeidade: as monografias de N. Anderson (*The Hobo*, 1923), C. Shaw (*The Jake-Roler*, 1931; *Brothers in crime*, 1938), de Whyte (*Street corner society*, 1943), L. Wirth (*The Ghetto*, 1928), por exemplo, são estudos de terreno nos quais a relação física dos atores considerados com o mundo não é evitada, mas, ao contrário, possibilita anotações minuciosas. G.-H. Mead, em compensação, só faz alusão ao corpo em *Mind, self and society* (1934). Quando aborda os ritos de interação e, sobretudo, a dimensão simbólica da condição humana, transforma o corpo em organismo e quando trata da gestualidade, não o faz em termos sistemáticos como o fará David Efron, mas para lembrar que, paralelamente à palavra, os movimentos do corpo contribuem para a transmissão social do sentido. Frequentemente, em seus trabalhos, trata-se de uma sociologia da oportunidade: o corpo não é diretamente visado pela

análise. Nos grupos estudados, o sociólogo encontra-se, no entanto, diante de ações rituais ou a usos que tornam necessária a descrição das operações do corpo.

Em *A civilização dos costumes (Über den Prozess der Zivilisation)*<sup>8</sup>, cuja primeira versão data de 1939, na Alemanha, Norbert Elias oferece um ensaio clássico de sociologia histórica que atualiza a genealogia das atitudes externas do corpo, lembrando assim o caráter social e cultural de vários comportamentos desde os mais banais até os mais íntimos da vida quotidiana. Uma sociologia que não irá além da obra de Goffman, mas que lhe daria a matéria-prima necessária para desvendar o âmago da moral e do conteúdo dos ritos de interação. A sociedade da corte é o laboratório onde nascem e a partir da qual se difundem as regras de civilidade que hoje adotamos em matéria de convenções de estilo, de educação dos sentimentos, de colocação do corpo, de linguagem e, sobretudo, no que diz respeito ao *externum corporis decorum*. *A civilidade pueril* (1530), de Erasmo, obra dedicada ao jovem príncipe Henrique de Borgonha e destinada ao ensino do *savoir-vivre* às crianças, cristaliza para diversas sociedades européias da época a noção fundadora de "civilidade". As regras de civilidade vão, de fato, impor-se para as camadas sociais dominantes. Como se comportar em sociedade para não ser, ou parecer, um bruto. Pouco a pouco o corpo se apaga e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos e os mais ínfimos da corporeidade (as maneiras à mesa, a satisfação das necessidades naturais, a flatulência, a escarrada, as relações sexuais, o pudor, as manifestações de violência, etc.). As sensibilidades modificam-se. É conveniente não ofender os outros por causa de um comportamento demasiado relaxado. As manifestações corporais são mais ou menos afastadas da cena pública, muitas delas desde então ocorrendo nos bastidores; tornam-se privadas. Obrigado a exilar-se na Inglaterra, Norbert Elias só retomará mais tarde as pesquisas.

Em 1941, David Efron publica *Gesture, race and culture*<sup>9</sup>. Esse trabalho marcará data nas pesquisas sobre os movimentos corporais nas interações. Para fazer oposição às teorias nazistas que enclausuravam o comportamento humano na fatalidade do pertenc-

<sup>8</sup> • Norbert Elias. *La civilisation des mœurs*. Paris: Calmann-Lévy, 1973 (trad. fr.).

<sup>9</sup> • David Efron. *Gesture, race and culture*. The Hague/Paris: Mouton, 1972.

David E. Hunt

cimento à "raça", D. Efron constrói um dispositivo experimental que visa comparar entre si a gestualidade de interação de duas populações, uma de "judeus tradicionais" e outra de "italianos tradicionais". Lista as variações de comportamentos: as gestualidades diferenciadas. Compara em seguida as duas populações de "segunda geração" das duas comunidades, educadas nos Estados Unidos. Facilmente ficam demonstradas as diferenças sensíveis entre as gestualidades das primeiras gerações de imigrantes e as de seus filhos que, mais "americanizados", aproximam-se consideravelmente dos americanos. Trataremos mais longamente deste assunto no capítulo sobre a gestualidade.

## 2. Contribuições etnológicas

Paralelamente, os etnólogos são confrontados, em outras sociedades, aos usos do corpo que chamam a atenção e provocam a crítica em relação às maneiras corporais características das sociedades ocidentais e que até então não haviam sido pesquisadas pelas ciências sociais: Maurice Leenhardt, F. Boas, B. Malinowski, G. Roheim, E. Sapir, E. De Martino, R. Bastide, F. Huxley, G. Bateson, C. Lévi-Strauss, etc., descrevem os ritualismos e os imaginários sociais que contribuem para colocar a corporeidade em condições mais favoráveis dentro do pensamento sociológico. Dessa forma, *Balinese Character* é lançado em Nova York em 1942<sup>10</sup>. Reunindo os dados coletados por Margaret Mead e Gregory Bateson em Bali, de 1928 a 1936, o livro mistura a análise etnográfica do povo balinês com centenas de fotografias de homens e mulheres em movimentos e interações que marcam o compasso da vida quotidiana. M. Mead e G. Bateson conhecem bem os riscos de projeções culturais inerentes ao uso de noções emprestadas da língua inglesa cujos valores e modos de vida são radicalmente diferentes daqueles observados no vilarejo de Bajoeng Gede, lugar do estudo. "Nesta monografia, escrevem, tentamos utilizar um novo método de apresentação das relações entre diferentes tipos de conduta culturalmente padronizados, colocando lado a lado uma série de fotografias mutuamente significativas. Elementos de condutas oriundas de contextos e lugares diferentes - um dançarino em transe numa possessão, um homem levantando o olhar para um avião, um serviçal saldando o mestre, a representação pictural de um sonho - podem

IMPORTANT

10 • Gregory Bateson & Margaret Mead. *Balinese Character: a photographic analysis*. New York: New York Academy of Science, 1942.

ter uma correlação; um mesmo fio emocional os atravessa." Uma forma de tornar isso tudo evidente com fidelidade: "Apresentar tais situações com palavras, continuam M. Mead e G Bateson, quer que se recorra a expedientes inevitavelmente literários ou que se proceda à dissecação de cenas vivas... Graças à fotografia, a totalidade dos elementos das condutas pode ser preservada, enquanto que as correlações desejadas podem ser postas em evidência quando as fotos são colocadas numa mesma página para comparação". Cada figura impressa é introduzida por curta anotação que situa os momentos selecionados na trama cultural da vida quotidiana balinesa. A imagem acompanha com sucesso o comentário, alcançando o essencial de G. Bateson. Uma longa introdução de M. Mead esboça uma etnologia da vida balinesa que contribui para restituir as pulsações da existência coletiva. Fisionomias, gestos, rituais, situações da vida da família ou do vilarejo desfilam a cada página dando à obra excepcional valor científico e humano: aprendizado das técnicas do corpo, desenvolvimento do transe, relações pais-filhos, desenvolvimento da criança, jogos tradicionais, relações com os orifícios corporais (comer, beber, eliminar, urinar, defecar, purificar-se, etc.).

Propusemos alguns marcos da reflexão sociológica aplicada ao corpo evocando dois níveis da pesquisa: uma sociologia implícita na qual o corpo, mesmo não sendo esquecido, continua secundário na análise; em seguida, uma sociologia em pontilhado que coloca em evidência uma certa quantidade de dados importantes e faz o inventário dos usos sociais do corpo. Nos próximos capítulos nos empenharemos numa terceira etapa: a da sociologia do corpo, em vias de se constituir, forte em certas aquisições, dialogando com sua história e prevendo uma inteligibilidade crescente da corporeidade em suas dimensões sociais e culturais. Antes disso, importa determinar qual é o objeto "corpo" que nos interessa e, em seguida, quais são os procedimentos epistemológicos que convém apreender.

